



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input checked="" type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Melhorias Habitacionais em favelas

Housing Improvements in slums

Mejorias Habitacionales en favelas

ABLA, Marcela Marques (1)

(1) Doutoranda, PROURB, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; email: marcelamabla@gmail.com

Melhorias habitacionais em favelas

Housing Improvements in slums

Mejorias Habitacionales en favelas

RESUMO

Este trabalho analisa a relação entre a arquitetura e a sociedade, com foco no papel do arquiteto como atuante na integração da favela à cidade formal. O elemento central da discussão é o espaço privado da célula habitacional, uma vez que a hipótese sustentada indica que a melhoria das condições de habitabilidade e consequente inclusão social é o que permitirá que as favelas se tornem bairros minimamente “estáveis”, integrando-as à cidade formal. Parte-se do entendimento de que a melhoria da qualidade habitacional das casas em favelas é fator fundamental no processo de integração destas à cidade consolidada, oferecendo soluções para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. A pesquisa inicia com a discussão sobre o papel do arquiteto e a sua relação com a sociedade e, posteriormente, foca na questão da atuação no processo de integração das favelas à cidade. Conta com o suporte de autores como Freire, Livingston e Fathy, para uma reflexão sobre a abordagem metodológica de aproximação entre arquiteto e cliente. Para os moradores das favelas se sentirem cidadãos na plenitude de seus direitos e deveres, se faz necessária a aproximação dos instrumentos utilizados pelo governo com a comunidade, contando com a participação de seus moradores em todo o processo de desenho das ações públicas.

PALAVRAS-CHAVE: favela, melhoria habitacional, arquiteto, participação

ABSTRACT

This paper analyzes the relationship between architecture and society, focusing on the role of the architect as a major asset in the integration of the favela in the formal city. The key element here is the private space of the housing cell, since the hypothesis indicates that the improvement of living conditions and the consequent social inclusion is what will allow minimally slum neighborhoods are "stable" allowing its integration into the formal city. It starts from the understanding that improving quality of housing in poor neighborhoods is a key factor in the integration process of the consolidated city, providing solutions for improving the quality of life of citizens. The search begins with the discussion of the role of the architect and his relationship with the company and then focuses on the issue of performance in the integration process of the slums of the city. Backed by authors such as Freire, Livingston and Fathy, to reflect on a better methodological approach of rapprochement between the architect and the client. To ensure that slum dwellers as citizens sit in the fullness of their rights and duties, it is necessary to approach the instruments used by the government to the community, with the participation of its residents throughout the design process actions public.

KEY-WORDS: slum, home improvement, architect, participation

RESUMEN

El presente trabajo analiza la relación entre la arquitectura y la sociedad, enfocado en el papel del arquitecto como uno de los principales activos en la integración de la favela en la ciudad formal. El elemento clave aquí tratado es el espacio privado de la célula habitacional, ya que la hipótesis indica que la mejora de las condiciones de vida y la consecuente inclusión social es lo que va a permitir que los barrios pobres se hacen mínimamente barrios "estables", permitiendo su integración a la ciudad formal. Se parte del entendimiento de que la mejora de calidad de la vivienda en los barrios pobres es un factor fundamental en la integración del proceso de la ciudad consolidada, el suministro de soluciones para la mejora de la calidad de vida de los ciudadanos. La búsqueda se inicia con la discusión sobre el papel del arquitecto y su relación con la sociedad y, posteriormente, se centra en el tema de la actuación en el proceso de integración de los barrios bajos de la ciudad. Con el respaldo de autores como Freire,



Livingston y Fathy, para reflexionar sobre un mejor enfoque metodológico de acercamiento entre el arquitecto y el cliente. Para lograr que los habitantes de barrios marginales se sientan como ciudadanos en la plenitud de sus derechos y deberes, es necesario acercarse a los instrumentos utilizados por el gobierno para la comunidad, con la participación de sus residentes durante todo el proceso de diseño de las acciones públicas.

PALABRAS-CLAVE: favela, mejoras para el hogar, el arquitecto, la participación

1 INTRODUÇÃO

O problema das *necessidades habitacionais*¹, que se expressa em assentamentos humanos como as favelas, motivou esta pesquisa que contempla o tema de melhorias nas condições habitacionais em favelas no Rio de Janeiro. Para tal deve-se considerar o atual déficit habitacional quantitativo no Brasil que foi calculado em 6,273 milhões de habitações (MINISTÉRIO DAS CIDADES; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2013).

O presente trabalho analisa a relação entre a arquitetura e a sociedade, com foco no papel do arquiteto como atuante na integração da favela à cidade formal. O elemento central da discussão é o espaço privado da célula habitacional. No que diz respeito a análise sobre favelas, isso se torna ainda mais plausível, uma vez que a população residente nesses locais permaneceu alheia ao direito à cidade e à cidadania durante décadas.

A hipótese sustentada é a de que a melhoria das condições de habitabilidade e consequente inclusão social é o que permitirá que as favelas se tornem bairros minimamente “estáveis” integrando-as à cidade formal. Esta análise parte do entendimento de que a melhoria da qualidade habitacional das casas em favelas é fator fundamental no processo para a integração, oferecendo soluções objetivas para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

No cerne da questão sobre a melhoria habitacional está a tradicional dicotomia arquiteto/cliente, assim como a dificuldade de diálogo entre ambos os atores. O presente trabalho procura reconhecer o esforço realizado na produção de habitações, algumas vezes abaixo do padrão, construídas em grande parte pelo próprio morador, algumas vezes abaixo do padrão, carente de infraestrutura e serviços básicos, presentes em áreas consolidadas, portanto:

Inserir favelas e sua população na dinâmica físico-social da cidade é fundamental para a construção de um espaço urbano justo, equitativo e integrado, onde o acesso à cidade e o exercício da cidadania sejam assegurados. (MORAR CARIOCA. nossa autoria, 2010).

Atualmente, diversas ações governamentais têm sido realizadas com o intuito de promover transformações na cidade, em especial nas favelas cariocas. O principal objetivo é apresentar de que forma o tema de melhorias habitacionais, incluído recentemente no escopo de projetos de urbanização em favelas, poderá contribuir para que estas se tornem bairros minimamente estáveis, integrados à cidade formal.

Para isto, inicia-se com discussão mais ampla sobre o papel do arquiteto e a relação com a sociedade, para posteriormente focar na questão de sua atuação no processo de integração das favelas à cidade.

¹ Conceito proposto desde 1995 pela Fundação João Pinheiro, em estudo intitulado “O Déficit Habitacional no Brasil” e adotado posteriormente pelo Ministério das Cidades como referencial no âmbito da Política Nacional de Interesse Social.



A percepção da função completa e complexa da habitação no contexto da intervenção deve ter como perspectiva a busca por moradias dignas que promovam equidade social e qualidade de vida a todos. (MORAR CARIOCA, nossa autoria, 2010).

Esta pesquisa está inserida em um contexto no qual a demanda por projetos de urbanização coordenados por arquitetos será alta, devido à continuidade da implementação de projetos de urbanização de favelas, que acrescentam a atuação sobre o espaço privado na intervenção. A Lei 11.888/08, que prevê a oferta de assistência técnica de arquitetura à moradia popular, tem como objetivo atender famílias de até três salários mínimos, para a construção, reforma ou ampliação de sua casa.

Portanto, este trabalho traz à tona discussão teórica e reflexiva sobre o tema de melhorias habitacionais, no intuito de colaborar com outras formas de pensar sobre intervenções em favelas cariocas.

Busca-se o suporte em alguns autores que discutiram a questão da abordagem metodológica do arquiteto em relação ao cliente, em diferentes tempos e com diferentes visões e experiências.

2 BASE TEÓRICA

Com relação ao referencial teórico-metodológico, a base principal de conceituação do tema se encontra nas obras dos autores referenciados, que utilizam a prática como suporte de suas teorias – A Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido, de Freire (1987, 1992), Arquitetos de Família: O Método, arquitetos da comunidade, de Livingston (2006) e Construindo com o povo: arquitetura para os pobres, de Fathy (1982).

Parte-se da conceituação descrita por Freire (2002) na pedagogia do oprimido onde a define como uma prática pedagógica de amor ao ser humano oprimido contra a sua opressão e em favor da vida e da liberdade. Esse ser humano oprimido constitui a grande maioria humilhada, marginalizada e excluída do Brasil, da América Latina e do mundo:

Esta pedagogia dialógica emancipatória do oprimido, em oposição à pedagogia da classe dominante, deverá contribuir para a sua libertação e sua transformação em sujeito cognoscente e autor da sua própria história. (FREIRE, 1980)

Ao aprofundar-se na relação entre o arquiteto e o cliente, Livingston (2006) propõe um método de abordagem entre ambos os atores, similar à pedagogia de Freire, no qual a escuta do cliente é o elemento essencial à criação e as dificuldades se apresentam como estímulo ao pensamento. Este sistema de desenho participativo visa o pequeno, o cotidiano e está dedicado a famílias verdadeiras e não a “famílias tipo”, normalmente idealizadas nas escolas de arquitetura, onde o cliente e o arquiteto devem pensar juntos, o que poderia ser aplicado em favelas.

O método proposto por Livingston procura respeitar os sonhos e desejos do morador, através de uma escuta treinada e de processo projetual sistematizado, capacitando o cliente a atuar e definir seu próprio projeto. O “Método Livingston” tem por objetivo orientar arquitetos e sua relação com clientes.

Outro autor que oferece um aporte teórico-metodológico para este trabalho é o arquiteto egípcio Fathy (1982), que procurou reestabelecer o diálogo entre o cliente e o mestre de obras, na tentativa de resgatar as antigas técnicas construtivas de seu país.

A participação inteligente do cliente é imprescindível para a elaboração harmoniosa do processo de construção. O cliente, o arquiteto e o artesão, cada um na sua área, têm de tomar decisões, e se qualquer um deles abdica da sua responsabilidade o projeto sofrerá as consequências e o papel da arquitetura no desenvolvimento cultural e no progresso do povo será diminuído. (FATHY,1980, p. 57).

3 O ARQUITETO NA COMUNIDADE

O eixo principal deste trabalho discute o papel do arquiteto e sua relação com o cliente no tema de melhorias habitacionais.

Inicialmente é introduzido o tema a ser discutido com base no trabalho de Paulo Freire, em um segundo momento é tratada a distância entre o projeto realizado por arquitetos e a vida concreta dos clientes, demonstrando como a relação de ambos é um processo dialético de aprendizado mútuo ao longo do tempo.

O PAPEL DO ARQUITETO – EDUCAÇÃO E ARQUITETURA

A pedagogia do oprimido, de Freire caracteriza-se pelo trabalho de conscientização, recomendado a todos os homens e mulheres que se preocupam com as suas existências e a todos os educadores em particular. Baseada no encontro com o povo, através do diálogo enquanto instrumento metodológico que permite a leitura crítica da realidade. Utiliza-se da educação como instrumento de libertação de consciências e demonstra a necessidade da atuação do homem em sua própria existência.

Nesta pedagogia, o educador, através de uma educação dialógica problematizante e participante, alicerçada na confiança no povo, na fé nos homens e na criação de um mundo onde cada homem seja valorizado pelo que é, onde a liberdade do povo deve atender à perspectiva do oprimido e não do opressor, procurar conscientizar e capacitar o povo para a transição da consciência ingênua à consciência crítica com base nas fundamentações lógicas do oprimido. (FREIRE, 1987)

Freire afirma não ser suficiente que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas que se disponha a transformar a realidade. O autor parte da linguagem do povo, de seus valores e de sua concepção de mundo, através de permanente diálogo (diz Freire, dialogação) entre pessoas e destas com a realidade circundante, transformando-se em uma luta pela libertação dos oprimidos.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1987, p.24)

Freire complementa que em qualquer destes momentos se enfrentará a cultura da dominação, principal aspecto da “revolução cultural”. No primeiro momento, por meio da mudança da percepção do mundo opressor por parte dos oprimidos, no segundo, pela expulsão dos mitos criados e desenvolvidos na estrutura opressora, na estrutura nova que surge da transformação revolucionária, nas palavras de Freire: [...] “somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam”. (1987, p.24)

O PAPEL DO ARQUITETO – APROXIMAÇÃO ARQUITETO E CLIENTE

Esta parte é dedicada ao estudo da aplicação do método de desenho do arquiteto argentino Rodolfo Livingston (2006) descrito no livro “Arquitetos de família”, que embora trate de uma proposta distinta, poderá ajudar com o tema de melhorias habitacionais em favelas.

O método em estudo, elaborado com rigor científico, a partir de uma vasta experiência prática profissional, mostra a importância do arquiteto na realidade da vida cotidiana de casas de famílias individualizadas, verdadeiras, em contraposição às “famílias tipo”, inexistentes na realidade e que se projetam como paradigma de construção de moradias.

“Uma janela é o que se vê por ela.” (LIVINGSTON, citando CORBUSIER, 2006, tradução nossa, p.313). Moradores da Comunidade Santa Marta em sua “janela/porta”. Construção muito precária, essa é a única abertura para entrada de iluminação e de ventilação da casa.

Figura 1: Moradores da Comunidade Santa Marta em sua “janela/porta”.



Fonte: Fotografia, nossa autoria, 2010.

Estabelece pautas e orientações sobre o relacionamento profissional entre o arquiteto e o cliente. Dois temas predominam no estudo em questão: o cliente e a criatividade, tratados de modo integrado e sobre a base de uma profunda concepção humanística. A escuta do cliente é considerada como elemento essencial na criação, tão importante quanto às dificuldades consideradas por ele, mais como estímulos do que como obstáculos para o pensamento.

O arquiteto demonstra que a habitação é um processo, não um objeto e reforça o esforço investido pelas famílias para reformar suas casas, para adequar estas a seus próprios gostos ou necessidades, assim como as falhas encontradas nestas modificações por circunstâncias alheias a sua vontade, sem o assessoramento técnico adequado.



A maior parte das habitações é reformada por seus proprietários, uma ou mais vezes durante sua vida útil. Estas reformas representam entre 60 e 80% do volume construtivo total de um país. (LIVINGSTON citando CORBUSIER, 2006, tradução nossa, p. 313).

As novas habitações seriam então mais econômicas, não unicamente pela aplicação de técnicas construtivas adequadas, como também pelo agregado de um material invisível: o pensamento.

O processo de Livingston (2006) é bastante detalhado e não cabe aqui esmiuçar o seu conteúdo. A metodologia conforma o roteiro que organiza a relação cliente-arquiteto, onde o primeiro contato é de grande importância, pois o arquiteto necessita conhecer os clientes, suas idades e expectativas, antes de dar início ao projeto de construção ou reforma da casa.

A comunicação se estabelece numa escuta na qual o autor traça as estratégias de como resolver os conflitos, “minha ideia *versus* sua ideia”. E por isso o arquiteto pede ao cliente para desenhar a casa atual para ter uma noção global do lugar e poder trocar ideias.

Segundo Livingston (2006): “em todos os casos, os clientes terão que pensar para poder hierarquizar defeitos e virtudes de sua casa. É o efeito *mayéutico*²”.

O arquiteto deve ser capaz de perceber as aspirações do cliente, demonstradas de forma subjetiva, dando a melhor resposta objetiva de projeto às suas necessidades. Em resumo, o técnico consegue transformar o desejo do cliente em algo real.

Para Livingston, o que lhe interessa é a história da casa e a história do habitat familiar. Em síntese é comum que um cliente peça uma casa de 250 m², mas necessita uma de 150 m² e somente tem condições financeiras para contruir uma de 60 m².

Livingston ressalta que nunca se deve dizer: “O que você tem que fazer é o seguinte[.]” e complementa que: “Convencer é vencer com. Nisto consiste a participação criativa e organizada do cliente no pensamento de sua própria casa”. (LIVINGSTON, 2006, tradução nossa, p. 53).

Ao final se entrega o Manual de Instruções o qual permite que a obra seja compreendida não apenas pelo construtor, senão também pelo proprietário, o que facilita a relação entre ambos. Outra vantagem do Manual é que esse se adaptará a uma obra que se irá fazendo por partes, ou ao longo dos anos.

O Manual de instruções não é meramente informativo, é também didático. “Instruído” se compõe de in, que expressa interioridade e do latín *struere* que significa edificar. Equivale, portanto, a edificar dentro ou por dentro. (LIVINGSTON, 2006, tradução nossa, p.186)

No final do ano de 1990, Livingston foi convidado a participar de um congresso internacional de arquitetura, cujo tema era Habitação, em La Habana, Cuba para explicar como levava o Consultório de Arquitetura em Buenos Aires.

A aplicação sistemática deste Método em Cuba mereceu dois prêmios internacionais (Congresso Mundial sobre Hábitat, em Istambul em 1996 e em Bruxelas em 2002). O país conta com mais de 140 consultórios de arquitetura, nos quais são atendidas cerca de 50.000 famílias anualmente.

² Citado no livro: En la filosofía socrática, se denomina mayéutica al arte de hacer descubrir al interlocutor las verdades que lleva en sí por medio de una serie de preguntas.



A falta de comunicação entre arquitetos e usuários que prevalece no mundo é a causa principal de muitos erros cometidos ao se projetar habitações novas: falta de compreensão do terreno e entorno, cozinhas mínimas, nas quais resulta impossível preparar uma comida, paredes desnecessárias ou mal posicionadas, etc.

O PAPEL DO ARQUITETO – CONSTRUIR COM O POVO

Assim como em várias partes do mundo, o papel do artesão e a arquitetura vernacular no Egito dos anos 1930, haviam sido substituídos pela presença do arquiteto e do engenheiro e pela arquitetura padronizada do concreto armado dos modernistas. A presença desses atores criou uma ruptura na comunicação entre o mestre de obras e o seu cliente.

O progresso atual da tecnologia, que nos tem fornecido novos materiais e métodos de construção, também tornou necessária a intromissão de um outro profissional, o arquiteto, um especialista ao qual se ensinou a ciência de trabalhar com esses materiais. Esse arquiteto, com a sua perícia, tirou do cliente todo o prazer que este tinha em construir a sua casa, já que é incapaz de acompanhar as técnicas que progredem cada vez mais rapidamente. Agora, ao invés das discussões apreciativas e sem pressa com os artesãos, à medida que a casa ia sendo construída, o proprietário faz a sua escolha no escritório do arquiteto, em cima de símbolos de uma planta. Ele não entende a linguagem do desenho arquitetônico nem o jargão do arquiteto, e assim o arquiteto o despreza e o intimida, ou então o engana, fazendo-o aceitar o que ele, arquiteto, quer, o que consegue enfeitando o desenho para impressioná-lo. (FATHY, 1982, p.44)

O arquiteto egípcio Hassan Fathy, na tentativa de resgatar as antigas técnicas construtivas de seu país de origem e reestabelecer um diálogo entre o cliente e o mestre de obras, desenvolveu uma linguagem gráfica de representação de seus projetos diferente do desenho técnico aprendido nas escolas de arquitetura, mais próximo da realidade e do entendimento do seu povo.

Era uma linguagem apropriada à cultura local e ao conhecimento daquela população. Ela tinha vida e se relacionava com o seu entorno (natureza e homem), além de simbolizar que a construção ia muito além da forma e da estrutura.

Nos programas de construção do governo, o Departamento de Projetos prepara todos os desenhos-plantas e cortes e entrega-os ao empreiteiro, que tem que segui-los à risca, sob a supervisão dos arquitetos de obra. Entretanto em Gurna, nós éramos nossos próprios projetistas, supervisores e empreiteiros, enquanto que os pedreiros estavam tão familiarizados com todos os processos construtivos quanto o próprio arquiteto. Conseqüentemente, tudo o que eu tinha que desenhar eram as plantas baixas das casas e, para eles saberem as alturas, as elevações dos blocos das unidades de vizinhança familiar. (FATHY, 1982, p.56)

Ao invés de plantas e desenhos técnicos, o arquiteto produzia pinturas e desenhos simbólicos, que ilustravam, além dos aspectos construtivos e da forma da construção, informações sobre o meio ambiente, a convivência e o entorno. A representação também influenciava o projeto em si, que era feito a partir de ambiências e sensações.

É possível definir outras ferramentas de arquitetura facilitando a interação entre a sociedade e os arquitetos e urbanistas. Ferramentas que garantem a capacidade de intervir coletivamente na construção de novos espaços e novas cidades.

Para lisonjear seus clientes e persuadi-los de que é sofisticado e urbano, o pedreiro da aldeia começa a experimentar estilos que ele conhece apenas de segunda ou terceira mão, e com materiais que ele realmente não tem condições de manipular com compreensão. (FATHY, 1982, p.35)

Assim, ele abandona o caminho seguro indicado pela tradição e sem o conhecimento teórico e a experiência do arquiteto, tenta criar uma “arquitetura do arquiteto”. O resultado é um

edifício com todos os defeitos e nenhuma das vantagens do trabalho do arquiteto. Construir é uma atividade criativa e segundo Fathy (1982) o momento decisivo é constituído pelo instante da concepção, aquele instante quando o espírito toma forma e todas as feições da nova criação são virtualmente determinadas.

“O mundo é sempre uma página em branco a espera do nosso lápis: um terreno vazio pode abrigar tanto uma catedral como um monte de lixo.” (FATHY, 1982, p.37). O arquiteto coloca ainda que a mente de cada homem é tão complexa que suas decisões são sempre únicas.

A maneira como ele reage ao que o rodeia é absolutamente pessoal. “Se, nos seus contatos com os homens, você os considera como uma massa e se abstrai e explora as características que eles têm em comum, você destrói as características individuais de cada um deles”. (FATHY, 1982, p.42).

Na figura 2: áreas vazias na favela são geralmente ocupadas por lixo e/ou servem como estacionamento de veículos particulares em áreas que permitem a passagem de veículos.

Figura 2: Complexo do Alemão: vazio ocupado por lixo e estacionamento de veículos.



Fonte: Fotografia, nossa autoria, 2013.

O homem é uma criatura ativa, uma fonte de ação e de iniciativa, e não se tem que construir para ele uma casa, assim como não se tem que construir ninhos para os pássaros. Dê-lhes meia oportunidade e ele resolverá a parte que lhe cabe do problema habitacional – sem a ajuda dos arquitetos, empreiteiros ou planejadores – muito melhor do que qualquer autoridade governamental será capaz de fazê-lo. Ao invés de um arquiteto sentado a noite inteira num escritório para descobrir quantas casas de cada tamanho melhor se ajustarão às massas a serem abrigadas, cada família construirá sua própria casa de acordo com suas próprias necessidades e inevitavelmente a transformará numa obra de arte viva. (FATHY, 1982, p.48)

É no desejo de cada um por uma casa, na sua ânsia de construí-la ele mesmo, que se encontra a alternativa para os desastrosos esquemas habitacionais em larga escala apresentados por tantos governos.



4 APROXIMAÇÃO À FAVELA

Com a política de não remoção e a urbanização das favelas, se reconhece o esforço das famílias em produzir suas casas através da autoconstrução. O foco do presente trabalho é o tema de melhorias habitacionais e a sua inclusão no escopo dos atuais programas de intervenções em favelas, que passam a atuar no espaço privado das construções.

Faz-se necessário ressaltar que essa era uma das críticas ao Programa Favela-Bairro que atuava no espaço coletivo das favelas considerando a urbanização desses espaços fundamental para a sua integração e respeitando o espaço privado das habitações, onde até se poderia atuar em um segundo momento com programas associados que seriam implementados pós-urbanização ao longo do tempo, estes programas de saúde, educação, habitação, etc.

Com vistas a ampliar a discussão sobre o tema, o Instituto de Arquitetos do Brasil no Rio de Janeiro promoveu reuniões avaliando a metodologia dessa atuação no âmbito habitacional, no intuito de garantir a saúde dos ambientes e a qualidade de vida da população.

É um dos deveres do arquiteto colaborar para uma construção assistida, uma possibilidade para tal seria através do encaminhamento dos moradores a linhas de crédito para aquisição de materiais de construção, acompanhados de auxílio técnico para os seus projetos.

Também no âmbito habitacional a questão das remoções ganha força na medida em que são previstas remoções de habitações em áreas de risco para a reinserção destes moradores no mercado formal da moradia, com a realocação na própria favela ou no entorno próximo, através de programas complementares de habitação social, como o Minha Casa Minha Vida. No entanto, vemos a grande maioria das construções sendo levantadas nas periferias distantes, sem acesso à cidade, longe de estruturas de transporte público ou vida urbana.

A diferença em relação ao Favela-Bairro é que no programa anterior além de não haver outro programa que pudesse acolher os moradores removidos, os projetos poderiam prever no máximo 10% de remoções, apenas em casos extremamente necessários e que na maioria das vezes não foram realizadas no decorrer da obra, por falta de possibilidade de realocação das famílias.

Atualmente, grande parte dos moradores de favelas acessa a moradia através de aluguel, seja através de antigos moradores que alugam quartos ou “lajes”, até a existência de pessoas de fora da favela que constroem edifícios ou casas para alugar, como comenta ABRAMO, (2007) e VALADARES (1980).

MELHORIAS HABITACIONAIS

O tema da habitação não se refere somente às construções, mas também às pessoas que as habitam, deve-se conhecer e interpretar seus costumes, sonhos e sofrimentos. Nas faculdades de arquitetura não se entrevistam clientes reais, estes tampouco são consultados para avaliar ou ainda premiar os edifícios que habitam.

“Enquanto o Estado olha a porta (habitações novas), o problema entra pela janela (habitações existentes) e vai piorando o habitat concreto das pessoas dia a dia”. (LIVINGSTON, 2006, 16)

As imagens a seguir mostram a variedade construtiva que ainda são encontradas nas favelas cariocas. Ambas as casas foram autoconstruídas pelos seus moradores, a primeira (figura 3) utilizando-se da técnica construtiva em taipa (pau-a-pique) na favela Pavão-Pavãozinho e a segunda (figura 4) construída em madeira, na favela Santa Marta. As casas estão localizadas na

parte alta do morro em locais diagnosticados pela Geo-Rio como de alto risco e por mais que as estejam marcadas para fins de remoção, seus moradores não foram agraciados com a realocação nos limites ou proximidades das respectivas favelas.

Figura 3: Casa em taipa na favela Pavão-Pavãozinho.



Fonte: Fotografia, nossa autoria, 2013.

Figura 4: Casa em madeira, na favela Santa Marta.



Fonte: Fotografia, nossa autoria, 2013.

O que se vê nas favelas é uma disparidade de situações, salvo casos singulares onde as condições de habitabilidade foram alcançadas, sendo que a mesma evolução não ocorreu no seu território como um todo.

O maior problema constatado nas construções em favelas, além de situações de risco em todas as suas dimensões, é a falta de iluminação e de ventilação natural provocada pelo adensamento de casas que se superpõem.

Pelo estudo realizado com base nos autores Freire, Livingston e Fathy, se conclui ser necessária a aplicação de uma metodologia para uma construção assistida, uma vez que a lei de assistência técnica vigente determina ser obrigatória a participação do arquiteto em construções ou em reformas de habitações localizadas em comunidades de baixa renda.

Isto pode ser viabilizado através de uma iniciativa pública como a que deu origem ao POUZO (Posto de Orientação Urbanística e Social), que em seu primeiro momento buscava uma aproximação aos moradores das favelas urbanizadas com a finalidade de manter as obras realizadas, fiscalizar e aplicar a legislação proposta para aquela área, além de orientar os moradores em novas construções, expansão ou melhoria das casas existentes.

A favela funciona como um organismo vivo, dinâmico sempre em transformação. Com a promulgação do decreto que veda novas construções em favelas, restou ao POUZO somente a função de fiscalização de intervenções realizadas nas favelas, afastando o órgão de seus moradores.

As favelas ainda que tenham passado pelo processo de urbanização, metodologia do Favela-Bairro, o âmbito do espaço privado foi relegado a segundo plano. Com isso, não foi possível alcançar a melhoria da qualidade habitacional, uma vez que este objetivo não foi preconizado em nenhuma das ações até então implementadas.

5 CONCLUSÃO

O estudo das favelas cariocas demonstra que a melhoria das condições de habitabilidade e consequente inclusão social é que permitirá que aquelas se tornem bairros minimamente “estáveis” com a sua integração na cidade formal.

Acredita-se que os Programas de Urbanização em favelas recentes, abrem a oportunidade de discutir metodologias de ação para atuar no espaço privado e na sua relação com o espaço público.

Neste processo é fundamental o engajamento das universidades que além de poder oferecer suporte técnico interdisciplinar aos moradores, irá também contribuir para a formação de profissionais conscientes da realidade habitacional deste país. Esta parceria também beneficia o construtor, capacitando-o tecnicamente, o que resulta na economia na utilização de materiais e de redução de riscos – salubridade / segurança.

O cenário de uma sociedade mais equilibrada e de menor pressão especulativa sobre os mercados informais e assentamentos recém-requalificados permite consolidar esse universo construído com adensamento controlado, e aprofundar a perspectiva de transformação requalificadora e integração efetiva das favelas.

O caminho para a solução de melhoria habitacional da população de baixa renda esta sendo trilhado com as iniciativas governamentais que vem sendo apresentadas pelos Arquitetos e Urbanistas e adotadas pelo Poder Público, sendo enriquecidas pela participação efetiva dos moradores interessados que alcançaram um espaço no processo de formulação das atuais Políticas Habitacionais.

Devemos compreender as favelas do Rio, nesse contexto, como base de concretização de bairros formais, saudáveis e sustentáveis, e essas futuras intervenções como a oportunidade de repensar a cidade na transformação de sua relação com a favela. (MORAR CARIOCA, nossa autoria, 2011).

Para os moradores das favelas se sentirem cidadãos na plenitude de seus direitos e deveres, é necessária a aproximação dos instrumentos utilizados pelo governo com a comunidade, contando com a participação dos seus moradores em todo o processo de desenho das ações



públicas, com transparência em relação a futuras transformações no espaço ocupado pela favela, da mesma forma como ocorre em cidades consolidadas.

AGRADECIMENTOS

Com o apoio do Conselho Nacional Desenvolvimento Científico e Tecnológico e do grupo de pesquisa Laboratório de Urbanismo e Meio Ambiente da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- ABLA, Marcela Marques. (2011). Favela e Futuro – melhorias habitacionais nas favelas após metodologia de urbanização – o caso Santa Marta. (Tesis inédita de maestría) Universidad Politécnica de Cataluña, Barcelona, España.
- ABRAMO, Pedro. A Cidade COM-FUSA – A mão inoxidável do mercado e a produção da estrutura urbana nas grandes metrópoles latino-americanas. In Estudos Urbanos e regionais, Vol.9, Nº 2, noviembre de 2007.
- ABREU, Mauricio de Almeida. (1987). Evolução Urbana do Rio de Janeiro. 2011.4ª edição. Prefeitura do Rio de Janeiro, Brasil.
- ANDREATTA, Verena. *Ciudades Hechas a Mano*. Catálogo de la Exposición de Sur a Norte. Ciudades y medio ambiente en América Latina, España y Portugal. Madrid: La Casa Encendida, 2002.
- BONDUKI, Nabil. (1998). Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. Estação Liberdade/Fapesp, 1998. São Paulo. 4ª edição. 2004.
- CARDOSO, Adauto Lucio. O Programa Favela-Bairro – Uma Avaliação - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano e Regional.
- CATÁLOGO DO PROGRAMA MORAR CARIOCA. (2011). Rio de Janeiro. Prefeitura do Rio de Janeiro e IAB-RJ.
- CAVALCANTI, Lauro; Guimarães, Dinah. (1984). Morar: A casa brasileira. Rio de Janeiro: Avenir Editora.
- CONDE, Luiz Paulo; Magalhães, Sergio. (2004). *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Vivercidades.
- FREIRE, Paulo. (2011). Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3ª edição. São Paulo: Paz e terra.
- FATHY, Hasan. (1982). Construindo com o povo: Arquitetura para os pobres. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense universitária.
- LIVINGSTON, Rodolfo. (2006). Arquitectos de familia: el método: arquitectos de la comunidad. 4ª ed. Buenos Aires: Nobuko.
- VALLADARES, Lícia do Prado. (1980). Passa-se uma casa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.